

»(...) Ou isso ou namoramos às escondidas. Eu vou tentar ir ter contigo aos fins de semana. Não vou todos. Mas vou tentar... Sei que o Expresso da Meia Noite não tem câmaras de filmar e eu conheço o motorista.... Terá de ser as escondidas de todos. Se viajar de madrugada como um morcego pode ser mais fácil namorarmos às escondidas... Podemos voltar a dormir na tenda. Podemos voltar a montar a nossa tenda. Mostraste a alguém o nosso spot?

»Mostrei ao Afonso.

»Então esperemos que o Afonso não apareça lá à noite nenhuma vez.

»E se ele aparecer?

»Se ele aparecer, terá de entrar para o calarmos.

»Esperamos que ele não apareça.

»Esperamos que ele não apareça.

[»Mas o Afonso Côrte-Real vai aparecer, querido!!! Oh!!! Isto é um filme já visto!!! Ele aparece, sim senhor! E vai lá meter-se no meio, sim senhor... A priminha disse uma vez para o Afonso: “tu pensas que vais lá meter-te no meio deles, mas estás muito enganado”. Disse isto que eu ouvi muito bem, escusa de estar a fazer sinais, que eu estou a dizer-lhe que estava *on* e ouvi muito bem o que a priminha disse, como sua testemunha... MUAHAHA já viu? Ganhou uma testemunha no seu filme... Eu sou sua testemunha... Sei muito bem que a priminha disse isso, quando a priminha estava a mostrar os pés do Afonso que tinham uma ferida e infetaram e estava a dizer que os pés do Afonso estavam feios... Coitadinho do Afonso... Os pés dele estavam muito bonitos até com ferida que eu vi, que eu estava *on* e vi muito bem os pés do Afonso... Que são lindos!!!! Se a priminha não quer... Eu quero ... Eu fico com os pés do Afonso.. Deem os pés do Afonso, que eu fico contente... Só com os pés.. Oh, querido...! não esteja a olhar para mim com essa cara a achar que eu tenho um fetiche pelos pés do Afonso... Que eu não tenho fetiche nenhum... fetiche tinha você, que você contou ao Xico na praia e eu estava *on* e ouvi tudo e lembro-me de tudo e escusa de desmentir que eu encontrei uma página n’o Algoritmo do Amor que não o deixa desmentir... Trouxe aqui a página neste aparte para lhe ler o que você escreveu, que é para você lembrar de como é que as coisas foram e ligar as coisas que você escreveu ao filme da vida real que se está a passar na sua vida... Vá lá que você está a documentar tudo...

«(...) “Vê-se mesmo que na altura em que o legislador inventou esta proibição dos acampamentos não namorava. Eu já me fartei de acampar com o meu namorado. Era o que faltava o Direito vir dizer que eu e o meu namorado não podemos agora acampar e não podemos passar uma noite os dois sossegados e felizes com as estrelas”. Sabes quem disse isto?»

«Sei.»

«Quem?»

«Foi um d’*Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy... Eu sei que eles eram a favor dos campings selvagens para os namorados, antes de terem visto o podre do caravanismo e do campismo ilegal...»

«Não era só para os namorados...»

«Sim, mas tu só fazias campings selvagens comigo, eles escreveram para nós... Sabem que somos namorados e que gostávamos de fazer campings selvagens para assaltarmos as estrelas em longos, longos, longos beijos...»

«Não fazia campings selvagens só contigo. Também fazia com o Afonsinho. Que pena que agora já não fazemos mais campings selvagens, depois de termos visto o podre que é o caravanismo e o campismo ilegal... Estávamos tão bem no nosso mundozinho... No nosso mundozinho éramos os únicos a fazer campings selvagens sem lixos e sem destruir nada...»

«Com o Afonsinho podes fazer os campings selvagens que quiseres... Mas é só com o Afonsinho. Só abro a exceção para o Afonsinho...»

«Se o Maths e o Joa soubessem dessa tua exceção...»

«Pois, mas não vão saber. Fica um segredo nosso.»

«Nosso... Meu, teu e do Afonsinho?»

«Sim, pode ser.»

«Nem a priminha Sara vai saber?»

«Nem a priminha Sara vai saber. Eu sei muito bem que vocês os dois também têm os vossos segredos.»

«Isso é uma vingança contra a priminha Sara?»

«Ya... Pode ser uma vingança...»

«Devia ter gravado... (...) Com a casa mesmo por cima da praia, mesmo debruçada sobre a praia, montávamos uma tenda na areia, mesmo em frente à casa, literalmente debaixo da casa – a casa está construída numa arriba e há umas escadas do jardim da casa que dão acesso direto à praia –, e era assim que acampávamos na praia, era assim que eram os nossos *campings* selvagens. Acordávamos suados, um por cima do outro, só de boxers, com as pernas todas enlaçadas. Principiávamos as nossas lutas matinais sempre com fornicosques...»

«Fornicosques?»

«Sim... Titilamentos...»

«Titilamentos?»

«Sim, amor... Cócegas... Fornicoques é uma expressão que vem da parte da minha mãe, titilamentos vem da parte do meu pai... Eu gosto mais de dizer fornicosques...»

«Então também vou adotar fornicosques...»

«Com esses fornicosques o Afonsinho ficava logo em vantagem, porque eu desmanchava-me todo a rir e o Afonsinho adora desmanchar-me, adorava ficar a ver a desmanchar-me, e era assim que ele me virava sempre ao contrário. Deitados, mas virados ao contrário, ele prendia-me o corpo com o corpo dele que ficava sempre por cima do meu, prendia-me as duas mãos só numa mão dele, como se fosse uma algema, algemava-me assim as mãos, prendia-me o pescoço, o queixo e a cara com os pés dele e com a mão livre com que ele ficava, ia-me fazendo fornicosques onde bem lhe apetecia. Nesses fornicosques, em que os dedos dele transformavam-se em penas que me trespassavam o corpo, como ele sabia que eu adorava os pés dele, obrigava-me a beijá-los e ele lá ficava todo deliciado a ver-me dar-lhe os beijinhos por ele ordenados. (...) tínhamos que ir a correr mandar um mergulho e nadar até à bola de rugby que lançávamos em corrida e depois voltar com a bola para terra e era assim que marcávamos ponto no nosso rugby de praia inventado. Quem não marcasse o ponto, tinha de fazer o almoço. Eu nunca fiz o almoço e nunca fui eu a tirar-nos os boxers...»

«A Sara sabia desses vossos *rugbys*?»

«Fazia lá ideia a priminha Sara...»

«(...) se eu fosse a Sara, proibia esse vossos *rugbys*... (...) esses *rugbys* com o Afonso Côrte-Real agora acabaram...»

«Porquê?»

«Agora, o teu rugby é comigo... Isso era quando vocês eram crianças... Agora já são adultos...»

«Eu e o Afonsinho ainda somos crianças...»

«Pois, por isso é que tu e o Afonsinho querem viver juntinhos como as tuas primas Sónias... Para enquanto eu e a Sara estivermos a trabalhar no hospital e na clínica como os adultos fazem, tu e o Afonsinho ficarem o dia todo de papo para o ar a brincarem como duas crianças... Nem pensar! Vou ter que ter uma conversa muito séria com a Sara...»

«Mas não lhe contes a parte do Afonsinho tirar-nos os boxers...»

«É mesmo por essa parte que eu vou começar a conversa...»

«Vais fazer uma guerra com o Afonsinho... E eu, vou ficar do lado do Afonsinho...»

«E tu, vais fazer uma guerra com a priminha Sara... E eu, vou ficar do lado da Sara... Eu não sabia que tu gostavas dos pés do Afonsinho, nunca me tinhas dito isso...»

«Ah! Afinal esta guerra não é por causa da corrida dos nus, nem da natação dos nus, nem do rugby dos nus... É por causa dos pés do Afonsinho... Eu sabia!»

«Claro que é por causa dos pés do Afonsinho... Estava tudo bem, se tu não gostasses dos pés dele... Esse teu *partialism* por pés é uma vulnerabilidade... Não te quero vulnerável pelo Afonso Côrte-Real... Já não basta perderes nos fornicosques com ele...»

«Amor... Eu já não gosto dos pés dele... Eu gostava dos pés dele, dos do Mateus e dos do Gabriel... Mas desde que chegaste à Terra e me apareceste à frente, eu deixei de gostar dos pés deles. Se fui vulnerável, foi antes. Contigo, já não sou mais vulnerável!...»

«És tão lindo! Eu amo-te Jaime!»

(...)

«Eu amo-te, Fred! Então, já não vais contar nada à Sara?»

«Não...»

«E posso jogar rugby com o Afonso?»

«Podes...»

Págs 291 a 296 O Algoritmo do Amor, de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala, 1ª Ordem 1ª Impressão.

www.jupitereditions.com